



Reunião da ONU sem consenso

CONSELHO DE SEGURANÇA DISCUTE A GUERRA ENTRE **ISRAEL** E **HAMAS**, MAS NÃO CHEGA A UMA DECLARAÇÃO FINAL. SEGUNDO O EMBAIXADOR BRASILEIRO, O ENCONTRO FOI PARA TER UMA "**VISÃO MAIS AMPLA**" DO CENÁRIO

Em uma reunião a portas fechadas, o Conselho de Segurança das Nações Unidas — presidido, neste mês, pelo Brasil — discutiu o acirramento do conflito entre Israel e Hamas e, como o previsto, não chegou a um consenso entre os embaixadores sobre quais medidas tomar neste momento. Não houve uma declaração final sobre o encontro, ocorrido em Nova York, nos Estados Unidos.

Segundo o embaixador brasileiro na ONU, Sérgio Danese, o objetivo da primeira reunião era ter uma “visão mais ampla” do que está acontecendo na região e “escutar a posição dos membros do conselho”. Os participantes também ouviram o relato, por videochamada, de um enviado especial da ONU a Israel. Na avaliação de Danese, ele deu uma “visão clara e importante” da situação atual. “Isso ajuda a formar um quadro mais completo, inclusive de como o conselho poderá, eventualmente, atuar em outras ocasiões que ele se reúna para tratar do assunto”, afirmou.

A jornalistas, o embaixador dos Estados Unidos na ONU, Robert Wood, contou que, na reunião de quase duas horas, muitos países condenaram os ataques do Hamas e a invasão do território israelense. Diplomatas relataram que o Conselho de Segurança não considerou fazer uma declaração conjunta, muito menos uma resolução vinculativa. A China disse que apoiaria uma declaração conjunta. “Não é normal

Getty Images via AFP



Ano após ano, estamos dizendo que a situação é intolerável (...) Nós não somos sub-humanos.”

Riyad Mansour, embaixador palestino na ONU

o Conselho de Segurança ficar em silêncio”, observou o embaixador Zhang Jun, que antes havia prometido o apoio chinês à condenação de “todos os ataques contra civis”.

Houve, também, troca de acusações entre representantes

israelenses e palestinos sobre a escalada sem precedentes do conflito. Ao entrar na sessão, o embaixador de Israel, Gilad Erdan, exibiu fotografias de civis israelenses feitos reféns pelo Hamas. “Esses são crimes de guerra, crimes de guerra

flagrantes e documentados”, declarou. Antes do encontro, Erdan disse que o ataque sofrido é equivalente aos atentados de 11 de setembro nos Estados Unidos. “Nada será como antes. Esse é nosso 11 de setembro.”

Já o embaixador palestino,

Getty Images via AFP



São crimes de guerra flagrantes e documentados (...) Nada será como antes. Esse é nosso 11 de setembro.”

Gilad Erdan, embaixador israelense na ONU

Riyad Mansour, enfatizou que se deve considerar o aspecto histórico do conflito. “Ano após ano, estamos dizendo que a situação é intolerável”, alertou. Ele também criticou a comunidade internacional ao afirmar que “nada é feito quando os mortos

são palestinos”. “Nós não somos sub-humanos.” Mansour pediu que o Conselho se concentre em pôr fim à ocupação israelense. “Infelizmente, a história para alguns meios de comunicação e políticos começa quando israelenses são mortos.”

Primeiro grupo de brasileiros pode deixar Israel hoje

O governo brasileiro tem seis aviões prontos para repatriar, nos próximos dias, os brasileiros que desejam sair da região de conflito entre Israel e o Hamas. Segundo o comandante da Aeronáutica, Marcelo Damasceño, o objetivo é “trazer todos os brasileiros que estão na região que desejarem sair”. O Ministério das Relações Exteriores estima que haja 14 mil morando em Israel e 6 mil, nos territórios palestinos. “A grande maioria dos quais fora da área afetada pelos ataques”, informou o órgão, em comunicado.

Segundo o Itamaraty, há pelo menos 500 brasileiros que procuraram a embaixada até ontem, e parte deles demonstrou interesse em voltar para o país. Os voos da Força Aérea vão atender,

prioritariamente, aqueles residentes no Brasil, e há a orientação para que quem tem passagem aérea comprada ou condições para adquiri-la embarque em voos comerciais do aeroporto de Ben-Gurion, em Tel Aviv. Grandes companhias aéreas, como Lufthansa, Emirates e Delta, cancelaram, no sábado, voos para a capital econômica do país e um dos principais pontos turísticos. Mas o aeroporto internacional segue funcionando.

A lista dos primeiros passageiros dos aviões militares deve ser montada até o fim da manhã de hoje, e a primeira decolagem, de Israel, está prevista para a tarde em uma aeronave com capacidade para 230 pessoas. Quanto aos brasileiros que estão na Palestina, o Itamaraty informou que o

governo busca viabilizar condições que permitam a implementação de um plano de evacuação daqueles que queiram sair da Faixa de Gaza ou da Cisjordânia.

Também em nota, o ministério informou que, até ontem, tinha a informação de que havia três brasileiros desaparecidos e um ferido. Todos estavam em uma rave a menos de 20km da Faixa de Gaza quando foram surpreendidos pela chegada, por terra e por ar, de homens armados do Hamas. De acordo com o serviço de resgate israelense Zaka, foram encontrados pelos menos 260 corpos no local.

Universo Paralelo

A festa, chamada Universo Paralelo, foi criada pelo pai do DJ

Alok, ficou popular no Brasil e começou a ser feita em outros países. No ano passado, houve raves no México, em Portugal e na Espanha. A edição israelense aconteceria na sexta e no sábado, e, segundo autoridades, reuniria cerca de 3 mil pessoas. Segundo Alok, o seu pai, Juarez Petrillo, licenciou os direitos da marca a produtores israelenses, e não foi o organizador da festa no local.

O paulistano Yehuda Weiss, 29 anos, estava na rave e conseguiu fugir. Ela contou ao **Correio** que viu vários corpos e carros destruídos por tiros e conseguiu voltar para a casa. No dia seguinte, porém, Yehuda, que é oficial da reserva do Exército israelense, foi convocado para a guerra. Por volta das 21h, em uma base militar próxima à Faixa de Gaza,

AFP



Tel Aviv: Itamaraty recomenda volta em voo comercial para quem puder

ele disse à reportagem que participaria de um ataque por terra. “Eu espero que a gente consiga libertar todos os reféns com segurança, que todos os soldados voltem vivos e que a gente consiga

acabar com o sofrimento do povo palestino que vem sendo manipulado, massacrado, vivendo em uma ditadura dentro de Gaza por conta do regime totalitário e brutal do Hamas.”

TERREMOTO NO AFGANISTÃO

Corrida contra o tempo para encontrar sobreviventes

AFP



O terremoto de magnitude 6,3 que sacudiu Herat, no oeste do Afeganistão, matou mais de 2 mil pessoas. As informações foram divulgadas, ontem, pelo governo talibã, enquanto equipes de resgate e pessoas comuns correm contra o tempo para encontrar sobreviventes em aldeias devastadas. O abalo sísmico, ocorrido no sábado, sacudiu regiões localizadas na cidade de Herat e foi seguido por oito fortes tremores secundários.

O porta-voz do governo talibã, Zabihullah Mujahid, divulgou, na rede social X, antigo Twitter, que “2.053 mártires morreram em 13 localidades, 1.240 pessoas ficaram feridas e 1.320 casas foram completamente destruídas”, citando a agência de Gestão de Catástrofes. O número de mortos tem aumentado rapidamente. Pouco antes do anúncio de Mujahid, as autoridades haviam anunciado cerca de 1 mil óbitos.

Em nota divulgada na tarde de ontem, o Itamaraty afirma que tomou conhecimento da tragédia e declarou não haver brasileiros entre mortos e feridos.

Herat está a cerca de 120km a leste da fronteira com o Irã e é considerada a capital cultural do Afeganistão. Apesar do trabalho da equipe de resgate, faltam pessoas para dar conta de atuar em todas as áreas atingidas. Ontem, na aldeia de Sarboland, localizada no distrito de Zinda Jan, zona próxima do epicentro, grupos formados por moradores da região usavam pás para procurar parentes e conhecidos que estavam desaparecidos.

“Assim que ocorreu o primeiro tremor, todas as casas desabaram. Quem estava dentro das moradias ficou soterrado. Há famílias das quais não temos notícias”, contou Bashir Ahmad, 42 anos, à agência France-Presse de notícias (AFP).

Abalos frequentes

Os tremores começaram às 11h de sábado (3h30, no horário de Brasília) e causaram pânico na população, que fugiu de edifícios e casas. “Estávamos em nossos escritórios quando o prédio começou a tremer de repente, e os revestimentos das paredes caíram. As paredes racharam e parte do prédio desabou”, disse Bashir Ahmad, um homem de 45 anos, também à AFP.

Os abalos sísmicos de grande magnitude são frequentes no país. Em junho de 2022, um terremoto de magnitude 5,9 matou mais de mil pessoas e deixou dezenas de milhares de desalojados na empobrecida província de Paktika, no sudeste. Em março deste ano, outro, de 6,5, matou 13 pessoas no Afeganistão e no Paquistão, perto da cidade de Jurm, no nordeste.